

# UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE O SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

## A PSYCHOANALYTIC OVERVIEW OF SUICIDE IN ADOLESCENCE

---

Christina Cavallari Guedes  
Universidade Católica de Petrópolis,  
Brazil  
[christinacavallari@gmail.com](mailto:christinacavallari@gmail.com)

Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha  
Universidade Católica de Petrópolis,  
Brazil  
[juliorochapesquisa@gmail.com](mailto:juliorochapesquisa@gmail.com)

---

Received: 09/16/2022

Accepted: 09/20/2022

Published: 09/25/2022

---

Resumo: No presente artigo exploramos alguns autores psicanalistas que investigam o suicídio entre adolescentes e rastreiam, como hipótese de sua ocorrência, a falta da constituição subjetiva deste grupo. A proposta do estudo é buscar compreender, a partir da elucidação sobre a adolescência e os lutos próprios desta fase, o suicídio na sua concepção social e efeito *Werther*. Tendo como referência questões legais e dados oficiais acerca da prática de suicídio por adolescente, percorremos hipóteses que poderiam levar à interrupção dessa trajetória cheia de desafios.

Palavras-chave: Suicídio. Adolescência. Psicanálise.

Abstract: In the present article we explore some psychoanalyst authors who investigate suicide among adolescents and trace, as a hypothesis of its occurrence, the lack of subjective constitution of this group. The purpose of the study is to seek to understand, from the elucidation of adolescence and the mourning of this phase, suicide in its social conception and Werther effect. With reference to legal issues and official data about the practice of suicide by adolescents, we explored hypotheses that could lead to the interruption of this path full of challenges.

Keywords: Suicide. Adolescence. Psychoanalysis.

## 1. Introdução

O suicídio na adolescência ocupa lugar não apenas na literatura, no cinema, nas séries, mas também nas notícias de jornal, na *internet*, nas conversações cotidianas etc, demonstrando que se trata de uma realidade social que, em face dos questionamentos que o fato levanta, justifica o presente estudo.

A adolescência é uma fase de conquistas e aquisições, mas também de perdas e lutos, notadamente por se tratar de um período de transição que é vivenciado por muitos conflitos e que podem favorecer, algumas vezes e junto com outros aspectos, em um desfecho trágico para os adolescentes.

Em um primeiro momento será analisado a questão da adolescência a partir de uma leitura psicanalítica que descreve a nomeada síndrome da adolescência normal, como sendo um momento experienciado pelo adolescente que visa impulsioná-lo a uma fase de desenvolvimento posterior, após a superação dos lutos e perdas que separam a infância da maturidade. Em seguida será exposto como o suicídio se apresenta como um tabu que está começando a ser discutido e representado socialmente, para além do receio do efeito *Werther* (ocorrência de suicídios em massa por imitação ocorridos a partir da narrativa de um ato suicida de forma pública).

Por fim, o que se pretende, com o presente artigo, é apontar situações possíveis que explicam o suicídio na adolescência para além de um fato decorrente de uma patologia psicológica, bem como desatrelar a questão do suicídio de outras questões sociais problemáticas que poderiam justificar o ato extremado de auto extermínio. O que se traz a vista é a hipótese de que o adolescente ao não poder mais existir, ao não se subjetivar, poderá optar pela prática do ato suicida ao lhe ser a única saída possível para se enxergar como sujeito, diante da falta de uma existência sustentada no Outro.

## 2. Adolescer e suicídio na adolescência

Começamos discutindo a questão da adolescência, a partir da Psicanálise, com contribuições de Arminda Aberastury, Maurício Knobel, Sonia Alberti, entre outros, destacando os lutos na adolescência e, em seguida, apresentaremos uma breve compreensão sobre o suicídio na adolescência, partindo de uma hipótese impeditiva da constituição da subjetividade como uma possível causa de suicídio na adolescência.

Em especial abordamos a chamada de síndrome da adolescência normal, conceituada por Knobel e Aberastury (2011) que apresentam sintomatologias como sendo inerente à uma fase no processo da vida, que importa na superação de lutos (morte e renascimento simbólico) para constituição de uma nova fase da vida que segue a adolescência, com a constituição do ser mais subjetivado no processo de desenvolvimento.

Alberti (2004, p. 10) indica a necessidade de “1) um longo trabalho de elaboração de escolhas e 2) um longo trabalho de elaboração da falta no Outro”, para que haja a constituição do adulto desejante.

Por fim, percorremos hipóteses que poderiam levar à interrupção dessa trajetória cheia de desafios, marca do adolescer, que poderia se constituir na perda do desejo e na falta de subjetivação e, conseqüentemente, ao perecimento da vida com o ato extremado do suicídio.

### 2.1 Adolescência e lutos da adolescência

A adolescência, como sendo um período da vida muito singular e cheio de particularidades, implica o sujeito para o crescimento e, naturalmente, para o seu desenvolvimento. Zimmerman (2008, p. 21) indica que esse processo de adolescer é considerado como uma fase de expressivas mudanças que irrompem “(...) à construção de um sentimento de identidade”.

Knobel (2011a) aponta o adolescer como uma transição ocorrida no processo contínuo da vida, uma vez que, o seu percurso importa no luto fundamental marcado pelo abandono da situação infantil para a ostentação da qualidade de adulto, sendo notadamente potencializado pela saída do lugar da alienação infantil para a busca pela independência. Tanto no que se refere simbolicamente às imagos que deram origem à sua personalidade, quanto de fato uma busca pela autonomia quanto às forças opressoras familiares e sociais, em um complexo processo que dará curso à individualização do sujeito, a subjetivação.

Knobel (2011b) introduz as fases do luto da adolescência, que se constituem por três, quais sejam: 1) o luto pelo corpo infantil perdido, no qual importa na própria mudança constitucional do corpo, ou seja, mudanças de base fundamentalmente biológica; 2) o luto pela perda dos pais da infância, que testará a qualidade da imagem parental introjetada, posto que os pais se modificam na relação com o adolescente, que não é mais criança e o seu adolescer representa o próprio transcurso temporal de envelhecimento dos pais. Nesse sentido, há aqui o

desafio de aceitação dos pais do processo de envelhecimento que estão sofrendo, bem como no reconhecimento da condição almejada do adolescente de se fazer adulto (ser desejante com liberdade) e; 3) o luto pela perda do papel e identidade infantis, que implica na crescente e contínua migração de um estado de dependência para o de independência, caminho este que progride e regride, em constante movimento, durante o adollescere. Importante destacar que neste último se inclui o luto pela perda da bissexualidade infantil, uma vez que o adolescente se verá questionado quanto a sua sexualidade, migrando-o rumo à identificação com determinado sexo.

Ainda de acordo com Knobel (2011b), a adolescência como um caminho de elaboração dos lutos básicos, se insere na chamada síndrome da adolescência normal, sendo comum que o adolescente atue de forma psicopática. Há um curto-circuito na ordem do pensamento, marcada por impulsos que vão para expressão por intermédio da ação, sem que haja espaço para racionalização. A diferença entre um adolescente normal para um sujeito psicopata está adstrita a continuidade e intensidade de modo de se colocar no mundo.

Das lições acima expostas podemos depreender que, no percurso deste processo contínuo, gradual e duradouro, considerado como a fase de transição entre a infância para a maturidade, o adolescente irá se deparar com dilemas inerentes às fases de luto, que implicam em verdadeiras crises a serem superadas, verdadeiros curtos-circuitos cerebrais que, para serem superados, exigem sustentação pelas figuras parentais ou outras figuras de autoridade, tais como terapeuta, professores etc.

A claudicação do adolescente para a prática de atos atentatórios contra a própria existência merece espaço para reflexão nesse contexto, como sendo um ato desesperançoso para com a vida, na qual não há sustentação da existência do adolescente, através da legitimação do seu ser existir perante o Outro.

Ainda perspicaz se mostra o escrito de Freud (1910[1970]), sob o título de ‘Contribuições para uma discussão acerca do suicídio’, no qual se discute o momento que outras figuras de autoridade devem entrar em cena para sustentar o adolescente, que se encontra afastado da família e de casa, em razão dos conflitos normais característicos dessa fase de desenvolvimento da vida:

Mas uma escola secundária deve conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia oferecer-lhes apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família. Parece-

me indiscutível que as escolas falham nisso, e a muitos respeitos deixam de cumprir seu dever de proporcionar um substituto para a família e de despertar o interesse pela vida do mundo exterior (FREUD, (1910[1970]), p. 142).

Podemos elencar alguns questionamentos, dilemas e conflitos dessa fase, como a elaboração do novo corpo, a responsabilização por seus desejos e atos, a escolha de uma profissão, a sustentação da introjeção dos pais, a apresentação e desenvolvimento da sexualidade mais madura, a elaboração da identificação, a busca pela liberdade, entre outros.

Knobel (2011a, p. 29) chama de síndrome da adolescência normal o conjunto de sintomatologia que abarcam:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual, mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.

Ao final dessas crises típicas de uma adolescência normal, se visa alcançar uma etapa da vida mais madura com possibilidade de desenvolvimento da liberdade de forma positiva e com vivências criativas, o que apenas será possível caso o adolescente consiga elaborar os lutos e se constituir como sujeito desejante e independente.

E quando esse processo contínuo de busca pela independência é interrompido? O que poderia acontecer que faria o adolescente desistir da própria vida? Pretendemos contextualizar brevemente a questão do suicídio para, após, levantar uma hipótese da prática do ato de suicídio praticado por adolescente.

## 2.2 Discussões sobre o suicídio

O suicídio é um ato transgressor que, apesar de ser um fenômeno social, viola a ordem natural da vida, que é a de continuar existindo. Mesmo representando um tabu perante a sociedade, a revisão da literatura permite identificar que se trata de uma curiosidade humana, bem como uma incógnita que leva a projeções e especulações para tentar descobrir as causas que

levam alguém a tirar a própria vida, em especial um ser em desenvolvimento, que teria ainda muito para descobrir, viver, explorar e criar.

Émile Durkheim, em seu estudo sociológico sobre o suicídio, na obra “O Suicídio”, obra escrita em 1897, tenta desvendar a questão do suicídio analisando fatores extra sociais, como estados patológicos, que poderiam levar a prática do ato atentatório contra a vida. O referido autor investiga, outrossim, questões hereditárias como causas determinantes, questões de imitação da prática do suicídio, de modo a classificar os tipos de suicídio conforme suas causas determinantes motivadoras (suicídios: egoísta, altruísta, anômico). Por fim, relaciona o suicídio com outras questões sociais (religião, estado civil, situação econômica financeira).

Bertolote (2012) ensina que Durkheim propõe que o fenômeno do suicídio é de cunho estritamente sociológico, correlacionando a prática do ato de autoextermínio às questões de controle social e menor integração ao grupo social de pertença.

Em contrapartida às investigações literárias e científicas, aparecem temores ao se discutir a prática do suicídio. Há um grande receio de despertar o efeito *Werther*, que é considerado de que modo a fala, a discussão, a pesquisa, a arte podem servir de estímulo para a propagação da prática do suicídio. A familiarização com o fenômeno social do suicídio, ou seja, qualquer tipo de quebra de tabu, qualquer desvelamento sobre essa prática poderia desencadear o que se sucedeu quando da publicação do livro ‘O sofrimento do jovem Werther’, por Johann Wolfgang Von Goethe, em 1774, que causou uma série de suicídios sequenciais, com forma de agir representados do livro (MORETTO, 2017, p. 161).

Moretto (2017), acerca do efeito *Werther*, indica a forma contagiosa que a prática do suicídio pode tomar, gerando uma verdadeira epidemia, quando presente uma condição de construção de identificação com o fato ou personagem suicida narrado pela mídia, pela arte, pela academia etc., mas pondera estar presente todo um conjunto social que deve ser apreciado juntamente com o fenômeno de suicídios em massa ou por imitação que o justifique.

As estatísticas oficiais oferecem um panorama sobre a prática de ato violento autoprovocado por adolescentes no Brasil, como o levantamento feito no site DATASUS, no qual localizamos dados de 2019 sobre suicídios consumados, sob título ‘lesões autoprovocadas voluntariamente’ de acordo com o CID 10: X60-X84, praticados por adolescentes (considerados aqueles com idades entre 10 e 19 anos), totalizando 1211 mortes, divididos da seguinte maneira por região do Brasil: 210 na norte; 269 no nordeste; 368 no sudeste; 214 no sul; e 150 no centro-

oeste (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Em nota, o Ministério da Saúde (2020) indicou que, a partir de 2018, foi implementada a notificação obrigatória de suicídios, acusando indícios sérios de subnotificação significativa quanto aos casos de suicídio no país.

Entre as iniciativas da sociedade civil para lidar com a questão do suicídio, destacamos a divulgação nacional do dia 10 de setembro, desde 2014, alusivo ao dia mundial da prevenção ao suicídio, organizado pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) com parceria do Conselho Federal de Medicina (CFM) (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2020).

Diante desse quadro, com a criação da Lei Federal no. 13.189 de 2019, foi promulgada a política nacional relacionada à prevenção da automutilação e do suicídio, que, entre suas providências, indicou a notificação compulsória por entidades diversas visando a diminuição das subnotificações, determinou o custeio do tratamento relacionados aos temas, incluído pelos planos de saúde particulares e apontou a necessidade de instituir atividades de promoção e prevenção (BRASIL, 2019).

Parece-nos que o tabu do suicídio está ganhando cada vez mais pauta na sociedade. Razão pela qual o que antes não era dito, não era falado, não era tratado por políticas públicas, circundava em omissão legislativa, era irrepresentável, agora parece merecer apreciação, em especial em face de sua prática por adolescentes, momento no qual a prática do suicídio não parece ser tão multifatorial (desemprego, doença, velhice entre outros) como em outros momentos da vida.

### **2.3 Suicídio na adolescência**

A literatura revela diversas causas que podem levar o sujeito à prática do suicídio, sendo muito levantada a questão da multifatorialidade do suicídio. Esta mesma literatura muitas vezes atrela o suicídio a questões patológicas, como por exemplo depressão, doença grave, bem como pode se dar por outras circunstâncias, de cunho eminentemente social, como perda de emprego, idade avançada ou o luto.

No presente trabalho partimos da premissa de que o suicídio praticado por adolescentes não se inscreve no perfil traçado pelo suicídio praticado na fase adulta, em razão do adolescente não ter se subjetivado, ou seja, não terem formado o seu eu (CAHN, 1999, p. 55-56).

Calligaris (2014) conceitua essa fase como a moratória da adolescência, pois o adolescente alcança a maturação de seu corpo, mas não tem permissão ou autorização para realizar seus desejos, havendo, portanto, uma suspensão do sujeito, chamada de fase da adolescência. Essa fase, da suspensão ou da moratória, poderia constituir uma fase que permite um olhar diferenciado quanto ao suicídio ocorrido na adolescência.

De acordo com Alberti (2004), a morte aparece como alternativa para o adolescente quando falta o desejo que psicanaliticamente é sempre o desejo do Outro. A autora traz o exemplo dramático descrito na obra de Lacan (apud ALBERTI, 2004) que, ao citar a escolha dada ao nobre que seria guilhotinado na época da Revolução Francesa, onde a adesão a alguns dogmas passava a ser obrigatório, poderia escolher a liberdade ou a morte. Na realidade essa suposta escolha constitui verdadeiro paradoxo, pois não existiria uma liberdade a ser escolhida diante dos dogmas impostos, assim como a única forma de escolha a favor da liberdade seria a própria morte.

Essa narrativa introduz a reflexão sobre como a falta de atuação como sujeito desejante, ou livre para desejar, na qual alguns adolescentes se encontram podem levá-los a atuar no auto-extermínio. Esse *acting out* (quando o ato é endereçado e simbolicamente representado) ou passagem ao ato (quando o ato não tem endereçamento, o sujeito apenas se retira de cena) é único possível, aponta para uma situação na qual não é possível a “mortificação do ser a partir de sua relação com o Outro que, ao mesmo tempo, nasce o sujeito” (ALBERTI, 2004, p. 64).

A impossibilidade de o adulto nascer, simbolicamente, no processo de adolescência, pela ausência do Outro, pela ausência do desejo do Outro, pode levar o adolescente a vislumbrar como única possibilidade o autoextermínio, acreditando que já não existe como sujeito, que não existem alternativas de escolha, e, que se trata de mero paradoxo, conforme descrito no exemplo dramático de Lacan supracitado. Resume Alberti (2004, p. 66): “(...) quando a falta falta, não há mais desejo possível”.

Rassial (1997, p. 10) ensina que o ato extremado do suicídio “encontra o seu fundamento, dando a esse Portanto, com o qual o adolescente interpela os outros e pode se nomear na ausência de um outro nome que ainda valha, a tonalidade de uma derrilhação, mesmo que heróica”. Podemos observar, a partir deste trecho, a compactuação da ideia de Alberti por Rassial, de que o adolescente ao não poder mais existir, ao não se subjetivar, poderá optar pela prática do ato suicida ao lhe ser a única saída possível para se enxergar como sujeito, diante da falta de uma existência sustentada no Outro.

### 3. Conclusão

O suicídio como um assunto tabu em nossa sociedade, importa na cautela em cuidar do tema e na dúvida de quanto se pode se aproximar desse objeto. Maior temor se observa quando nos deparamos diante dessa prática social entre adolescentes, momento da vida no qual ainda há muito o que construir, modificar, viver, criar.

O horror, o pesar, o medo diante desse ato inexplicável pode nos levar a considerações mais rasas e de cunho de maior cientificidade para nos confortar, como por exemplo a presença de alguma patologia prévia, como a depressão, como geradora do ato suicida.

No presente artigo exploramos alguns autores que investigam o suicídio entre adolescentes e rastreiam como hipótese de sua ocorrência a falta da constituição subjetiva.

O adolescente, como ser em formação, necessita de um processo de legitimação para sua existência. Quando se fala em legitimação não se quer dizer que o adolescente não possa ser contrariado, que deva ser satisfeito em seus desejos expressados conscientemente. Pelo contrário, o sujeito adolescente se sustenta quando o Outro enxerga, vê e sente o adolescente, o que de fato, por muitas vezes, ocorre quando se interdita, se nega, se opõe ao desejo, pedido e anseio do adolescente.

O desejo de prosseguir em sua existência depende de um Outro que constitua, integre e subjetive a criança que virará adolescente. Conforme diz Alberti (2004, p. 66): "(...) quando a falta falta, não há mais desejo possível". A constituição da falta ocorrida pelo conhecimento de um objeto, que tenha se perdido, mas que seja possível reencontrar é que possibilitará a busca que motiva a existência do adolescente.

## Referências

- ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BRASIL. **Lei Federal no. 13.819 de 26 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/113819.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113819.htm). Acesso em: 03 set. 2021.
- BERTOLOTE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Unesp, 2012.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- CAHN, Reymond. **O adolescente na psicanálise: a aventura da subjetivação**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **No Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, CFM e Associação Brasileira de Psiquiatria lançam a campanha Setembro Amarelo® de 2020**. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2019. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/no-dia-mundial-de-prevencao-ao-suicidio-cfm-e-associacao-brasileira-de-psiquiatria-lancam-a-campanha-setembro-amarelo-de-2020/>. Acesso em: 03 set. 2021.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREUD, Sigmund. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In: **Obras Psicológicas Completas da Standard Edition**. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XI. 1970. p. 142.
- KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 2011a, p. 24-62.
- KNOBEL, M. Introdução. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 2011b, p. 9-12.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Automutilação e suicídio**, Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/dados-e-indicadores/automutilacao-e-suicidio>. Acesso em: 13 set. 2021.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **DATASUS**, Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 03 set. 2021.
- MORETTO, Maria Livia Tourinho et al. O suicídio e a morte do narrador. **Psicologia USP** [online]. 2017, v. 28, n. 2, pp. 159-164. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420172802>. Acesso em: 13 set. 2021.
- RASSIAL, Jean-Jacques. **A passagem adolescente: da família ao laço social**. Porto Alegre: Artes e ofícios Editora LTDA, 1997.